



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

MULTATULI

MAX HAVELAAR



MULTATULI, pseudónimo de Eduard Douwes Dekker, nasceu em Amesterdão a 2 de março de 1820. Passou a juventude na sua cidade-natal, onde estudou e começou a trabalhar, numa empresa de têxteis. Em 1838, embarcou num dos barcos do pai, que era capitão, rumo às Índias Orientais Neerlandesas (atual Indonésia) e empregou-se ao Serviço Civil das Índias Orientais, desempenhando variadas funções em diferentes territórios sob a alçada do governo holandês nos vinte anos que se seguiram. Em 1846, casou-se com Everdine Huberte van Wynbergen, com quem teve dois filhos. As suas divergências com o poder colonial e a sua oposição pública à brutalidade do sistema levaram a que se demitisse em 1865, mergulhando-o, e à família, em sérias dificuldades financeiras. Dedicou-se à escrita, através da qual denunciava a exploração violenta a que os povos javaneses estavam sujeitos pela administração colonial, e, em 1860, escreve *Max Havelaar: Ou os Leilões de Café da Companhia Neerlandesa de Comércio*, um romance que expõe os abusos e injustiças do colonialismo sobre os povos locais, que o próprio sofreu e testemunhou, e que chocou a sociedade holandesa da época. Passou os anos seguintes consumido por problemas financeiros e envolvido em polémicas políticas, sempre dedicado à escrita. Morreu na Alemanha, em 1887, deixando uma vastíssima obra literária e um poderoso legado para o pensamento político que viria a transformar a Europa.

PATRÍCIA COUTO nasceu em Amesterdão em 1950 e é doutorada em Estudos de Tradução pela Universidade de Lisboa. Foi professora de Língua e Cultura Neerlandesa na Faculdade de Letras e é investigadora no Centro de Estudos Comparatistas. Traduziu autores como Jan Slauerhoff, Cees Nooteboom, Gerrit Komrij, Eddy Hillesum, Stefan Hertmans e Marieke Lucas Rijneveld.

ANA GOMES nasceu em Lisboa em 1954. Licenciou-se pela Faculdade de Direito de Lisboa em 1979 e, em 1980, entrou no quadro diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Serviu na Presidência da República com o presidente António Ramalho Eanes, nas Missões Permanentes

de Portugal junto das Nações Unidas em Genebra (1986-1989) e em Nova Iorque (1997-1998) e nas embaixadas em Tóquio (1989-1991) e Londres (1991-1994). Em 1999, abriu e chefiou a Secção de Interesses de Portugal na Embaixada da Holanda em Jacarta, acompanhando o processo de independência de Timor-Leste. Restabelecidas as relações diplomáticas entre Portugal e a Indonésia, foi embaixadora de Portugal em Jacarta (2000-2003). Entre 2004 e 2019, cumpriu três mandatos como Membro do Parlamento Europeu. Foi distinguida com vários prémios, entre os quais o Prémio Ruth Pearce em 1989, o Prémio dos Direitos Humanos da Assembleia da República em 1999, e o Prémio «Outstanding Campaigner Politician 2019», Human Rights Sergei Magnitsky Awards, em Londres. Em 2009, foi condecorada com a Insígnia da Ordem de Timor-Leste.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	VII
NOTA SOBRE A PRESENTE TRADUÇÃO	XI
GLOSSÁRIO	XIII
MAX HAVELAAR: OU OS LEILÕES DE CAFÉ DA COMPANHIA NEERLANDESA DE COMÉRCIO.....	
CAPÍTULO I.....	7
CAPÍTULO II.....	15
CAPÍTULO III.....	25
CAPÍTULO IV.....	35
CAPÍTULO V.....	57
CAPÍTULO VI.....	73
CAPÍTULO VII.....	91
CAPÍTULO VIII.....	111
CAPÍTULO IX.....	131
CAPÍTULO X.....	143
CAPÍTULO XI.....	149
CAPÍTULO XII.....	169
CAPÍTULO XIII.....	181
CAPÍTULO XIV.....	197
CAPÍTULO XV.....	227
CAPÍTULO XVI.....	243
CAPÍTULO XVII.....	261
CAPÍTULO XVIII.....	287

CAPÍTULO XIX.	303
CAPÍTULO XX	315
ESCLARECIMENTOS DO AUTOR PARA A EDIÇÃO DE 1875	333
NOTAS DO AUTOR PARA A EDIÇÃO DE 1875.	349
POSFÁCIO	397

INTRODUÇÃO

«O livro que matou o colonialismo» é o título de um artigo que li em Jacarta, em abril de 1999, sobre o romance *Max Havelaar: Ou os Leilões de Café da Companhia Neerlandesa de Comércio*, da autoria de Multatuli, e dado à estampa em 1859.

O artigo acabara de ser publicado pelo *New York Times Magazine* e tinha como autor o grande escritor indonésio Pramoedya Ananta Toer. Dois meses antes, eu tinha chegado a Jacarta para abrir a Secção de Interesses de Portugal na Real Embaixada dos Países Baixos e ajudar a pôr fim ao «unfinished business» do colonialismo europeu que era o conflito entre Portugal e a Indonésia sobre Timor-Leste. Assim, bastou o título do artigo para aguçar o meu interesse pelo livro e tema de que tratava.

Pramoedya distinguia-se pelo seu papel na denúncia do sofrimento imposto ao povo indonésio às mãos de sucessivos opressores: do império colonial holandês ao jugo da ditadura do general Suharto, que o fizera prisioneiro político em 1965, desterrando-o por onze anos, sem julgamento ou acusação formal, para a inóspita ilha de Buru. Por isso, só em 1999, depois da queda de Suharto, puderam ser publicados o seu magistral *Quarteto de Buru*, e o *Solilóquio Mudo*, em que descreve os tormentos do isolamento naquela colónia penal.

O artigo de Pramoedya sobre o romance assinado por Multatuli (do latim «muito sofreu») — pseudónimo do funcionário da administração colonial neerlandesa Eduard Douwes Dekker, também identificado autobiograficamente com o seu personagem Max Havelaar — não tratava apenas da opressão e da espoliação sistematizada que o colonialismo neerlandês impusera ao povo indonésio: evocava as motivações dos europeus para iniciar

a era da globalização, destacando o papel precursor de Portugal a estabelecer uma presença estrangeira permanente ao longo do arquipélago indonésio.

As navegações dos portugueses para leste de África e da Índia, até aos confins dos arquipélagos da Insulíndia, eram sobretudo motivadas pela busca das especiarias, em especial cravinho, noz-moscada e pimenta, produtos então essenciais à preservação dos alimentos e por isso tão centrais no desenvolvimento do comércio à escala global. Associava-se a isso a motivação religiosa, justificando, promovendo e enquadrando a exploração dos territórios e povos «descobertos».

Os portugueses, apesar de descobridores das rotas e iniciadores desse comércio, eram aventureiros, mas poucos e mal-organizados: não apareciam pelas ilhas das especiarias em número suficiente para desenvolver e consolidar tão lucrativo tráfico. Eram forçados a contratar outros marinheiros e aventureiros europeus. Um marinheiro holandês da armada portuguesa, Jan Huygen van Linschoten, tomou notas sobre as vulnerabilidades dos seus empregadores. Publicou-as no livro *Itinerário, viagem ou navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas*, logo traduzido em várias línguas. Dois anos depois, a Holanda organizou um consórcio de companhias que mandou uma armada para disputar o controlo regional aos portugueses. Estes rapidamente se viram acossados também por outros europeus. E assim os rivais holandeses lograram expulsar os portugueses das paragens da Insulíndia.

Criou-se, entretanto, a VOC, a Companhia Holandesa das Índias Orientais, para melhor organizar e dar escala ao transporte dos produtos. Os astronómicos lucros gerados passaram a exigir a produção regular e direcionada para a exportação de produtos agrícolas e, portanto, também a exploração colonial das populações que os podiam cultivar, recolher e acondicionar — quer as tradicionais especiarias, quer novos produtos, como o café, de que se faziam leilões regularmente na Holanda no século XIX, gerando

lucros fabulosos e esquemas corruptos, como conta o romance/
/denúncia de Multatuli.

O *Max Havelaar* de Eduard Douwes Dekker, como notou Pramoedya, expusera várias faces da desumanidade organizada que o colonialismo legou, deixando fortes perversões nas sociedades dos países e povos colonizados, incluindo a ganância de capatazes autóctones, encargos de subjugar e explorar compatriotas para servir os interesses dos patrões colonialistas.

Pramoedya concluía que, estando o território e povo da Indonésia na origem e no centro do modelo mais refinado e perverso de «cultivo forçado», de exploração comercial e de opressão colonial, bem se justificava associar o seu país, anfitrião da Conferência de Bandung que afirmou o Movimento dos Não-Alinhados, ao fim da era colonial, não apenas na sua zona do Indo-Pacífico, mas também em África, onde Portugal protagonizara o último império colonial mantido por potências europeias.

Não resisto a confessar que o efeito em mim deste iluminante artigo foi tal, que me lancei a ler os livros de Pramoedya e tratei de o conhecer pessoalmente. Ele e a sua mulher logo me receberam, nesse ano de 1999, com grande afabilidade, na sua modesta residência em Jacarta. Expliquei-lhes que percebera as razões por que não sentia que Portugal fosse odiado pelo povo indonésio, apesar da disputa de há mais de duas décadas com o regime de Suharto sobre Timor-Leste: Portugal não fora colonizador da Indonésia e isso fazia toda a diferença, permitindo até que, dos laços comerciais de séculos, tivesse restado uma apreciada herança cultural.

O poderoso impacto político, social e histórico do romance/
/denúncia *Max Havelaar* explica que Pramoedya o tenha crismado como «o livro que matou o colonialismo». É um impacto que vai além da indignação e das reformas políticas que o livro logo determinou na Holanda do século XIX, desde logo levando ao cancelamento do sistema de «cultivo forçado» imposto aos camponeses indonésios.

O *Max Havelaar* de Multatuli/Dekker viria a tornar-se na obra-prima da literatura holandesa pela originalidade da narrativa

tumultuosa e intrigante, destinada a captar e manter a atenção dos leitores, confrontados também com documentação comprovativa da autenticidade do que denunciava. Estilo e forma não poderão ser desligados do que explica o imediato e duradouro sucesso da obra. Mas foi sem dúvida a vigorosa e desassombrada crítica política e social do livro que logo abalou a sociedade holandesa e propulsionou medidas políticas de reforma do sistema.

Entre essas medidas, Pramoedy destacou a educação, que passou a ser facultada pelos holandeses a nativos na sua colônia. Mesmo chegando apenas a muito poucos, o efeito da educação foi decisivo para fomentar a consciencialização da vanguarda anti-colonialista que gerou e uniu movimentos de libertação nacional por todo o arquipélago. E assim se foram estruturando, a ponto de terem podido aproveitar o enfraquecimento do poder colonial holandês, confrontado com a ocupação japonesa na Segunda Guerra Mundial, para irreversivelmente avançarem para a declaração de independência da Indonésia em 1945.

Dekker, o Multatuli, pode ter sofrido muito como funcionário da administração colonial holandesa no século XIX, mas disso tirou alento para o arrojo de assumir o imperativo moral de confrontar os seus compatriotas com a total contradição entre o sistema colonial, de que beneficiavam, e os valores éticos que a sua religião e o seu refinamento político-cultural pressupunham. E assim, Multatuli não escreveu apenas a obra-prima da literatura holandesa. O seu *Max Havelaar* perdura, e perdurará, como inspirador de quem luta pela justiça social, pelo desenvolvimento sustentável, pela proteção ambiental e pelo comércio justo, num mundo hoje inexoravelmente transformado em aldeia global.

Ana Gomes
Embaixadora de Portugal (aposentada)
e ex-Membro do Parlamento Europeu

Díli, 30 de agosto de 2024

NOTA SOBRE A PRESENTE TRADUÇÃO

Há diferentes edições do romance de Multatuli, a fonte que usei foi: Multatuli, *Max Havelaar of de koffieveilingen der Nederlandsche Handelmaatschappij*, Amesterdão: Prometheus/ /Bert Bakker, 2005 [1998] que tem por base a edição científica de Annemarie Kets de 1992.

Para as referências bíblicas, segui a Bíblia Sagrada da Difusora Bíblica em <https://www.paroquias.org/biblia/>

Tentei respeitar o mais possível o estilo de Multatuli: as frases sinuosas, as interlocuções, o seu uso de palavras em itálico, reticências, pontos de exclamação, aspas e maiúsculas. Optei por traduzir os nomes satíricos que o autor usou para tipificar algumas personagens. É o caso de Seca, Fardo, Cachêné, Chupista, Viscoso e Parlapatão.

Chamo a atenção para o uso de termos que refletem o sistema colonial descrito no livro e que não são neutrais, mas retratam a ideologia política e racial do mesmo sistema.

E como traduzir não se faz só, agradeço às minhas admiráveis revisoras Margarida Baldaia e Inês Fraga, e a paciência de Catarina Sabino e Eurídice Gomes da Penguin Editora. Usei a troca de ideias com os meus colegas Arie Pos e Jos van de Hoogen e, agradecida, beneficiei das excelentes traduções:

Max Havelaar or The Coffee Actions of the Dutch Trading Company, trad. Roy Edwards, Sijthoff Leyden/Heinemann London. 1967.

Max Havelaar ou os leilões de café da Companhia Holandesa de Comércio, traduzido do inglês por Daniel Augusto Gonçalves, Clássicos Civilização, 1976.

Max Havelaar o las subastas de café de la Compañía Neerlandesa de Comercio, trad. Malou van Wijk Adan, Madrid: Ediciones Cátedra, 2017.

Max Havelaar or, the coffee auctions of the Dutch Trading Company, trad. Ina Rilke and David McKay, Nova Iorque: New York Review of Books, 2019.

Max Havelaar ou les ventes de café de la Compagnie Commerciale des Pays-Bas, trad. Philippe Noble, Arles: Actes Sud, 2020.

GLOSSÁRIO

Adipati: título nobiliárquico.

Alun-alun: amplo espaço aberto em frente aos edifícios que formam a residência do regente.

Atap: espécie de palmeira cujas palmas são usadas para cobrir as casas humildes.

Balai-balai: banco ou enxerga de bambu.

Banjir: inundação.

Batique: técnica de tingimento em tecido artesanal.

Circunscrição ou regência: parte duma residência.

Datu: chefe local.

Demang: chefe de distrito.

Dessa: aldeia.

Governador-geral: chefe do governo colonial das Índias Orientais.

Inspetor: oficial colonial neerlandês, assiste o residente-ajudante.

Insulíndia: arquipélago das Índias Orientais, nome cunhado por Multatuli.

Jaksa: oficial de polícia, procurador público.

Jati: *Tectona grandis* ou teca.

Kain kapala: espécie de turbante.

Klambu: mosquiteiro.

Klewang: espada curta.

Ketapang: *Terminalia catappa* ou amendoeira da praia.

Klappa: coco.

Kliwon: chefe nativo, intermediário entre o governo colonial e os chefes das aldeias.

Kondeh: coque feito com o próprio cabelo.

Kota rajá: residência real.

Kraton: palacete.

Kris: pequeno punhal.

Mandur: encarregado e chefe da polícia e pessoal administrativo do residente-adjunto.

Mantri: empregado nativo.

Mata gelap: raiva descontrolada.

Melati: espécie de jasmim branco.

- Padi*: arroz dentro da espiga.
Pager: sebe.
Pangerang: príncipe javanês.
Pantum: forma poética de origem malaia.
Parang: cutelo.
Patih: secretário, mensageiro.
Patjol: tipo de enxada.
Payong: guarda-sol.
Pendopo: cobertura aberta.
Pisang: banana.
Pusaka: herança, geralmente com conotação religiosa.
Raden adipati: título nobiliárquico.
Rampeb: flores aromáticas.
 Regência ou circunscrição: parte duma residência.
 Regente: chefe nativo duma regência ou circunscrição de ascendência aristocrática.
 Residência: região administrativa, comparável a uma província.
 Residente: funcionário colonial neerlandês encarregado da administração duma residência.
 Residente-adjunto: funcionário colonial neerlandês encarregado da administração duma regência ou circunscrição.
 Sarongue: peça de vestuário.
Sawab: arrozal.
Sebah: assembleia.
Slendang: xaile comprido.
Toko: loja, bazar.
Tuan: senhor.
Tuan kommandan: senhor, em javanês. *Kommandan*: corruptela da palavra neerlandesa *commandant*.
Tuankeu: alteza.
Tudung: sombrero javanês.
Tukan makan kutu: comedor de piolhos.
Tumengung: título nobiliárquico.
User-useran: remoinho de cabelo.
Waringin: figueira benjamim, símbolo da justiça.

Max Havelaar
Ou os Leilões de Café
da Companhia Neerlandesa de Comércio

À memória profundamente venerada de

EVERDINE HUBERTE, BARONESA VAN WYNBERGEN

Esposa fiel,
Mãe corajosa e carinhosa,
Mulher honrada

Quantas vezes não ouvi as esposas dos poetas serem lastimadas, e não há dúvida de que nunca serão em excesso as qualidades para desempenhar com dignidade esta difícil tarefa ao longo das suas vidas. Até a mais singular combinação de méritos pouco mais é do que o estritamente necessário, e mesmo assim nem sempre o suficiente para a felicidade quotidiana. Nas conversas mais confidenciais, a musa está sempre presente como um terceiro elemento.

Receba de braços abertos o poeta, seu marido, e cuide dele quando, magoado pelas desilusões da sua tarefa, volte a recolher-se no seu seio. Ou então vê-lo-á fugir em perseguição de uma quimera. É este o quotidiano da mulher de um poeta.

Contudo, depois dos sacrifícios, há as compensações, a hora da coroa de louros que ganhou com o suor do seu génio e que deposita devotamente aos pés da legítima amada, no regaço de Antígona, que guia este «cego errante» pelo mundo.

Não se engane, quase todos os descendentes de Homero são, à sua maneira, mais ou menos cegos. Veem o que nós não conseguimos ver, os seus olhares penetram mais alto e mais fundo do que o nosso. Porém, não discernem o trabalho de forma tranqüila

e segura, e são capazes de tropeçar na mais pequena pedra e partir o nariz, se tiverem de atravessar sem apoio os vales da prosa onde a vida reside.

(HENRY DE PÈNE)¹

¹ Texto da autoria do jornalista Henry de Pène, publicado em 10 de outubro de 1859, no jornal belga *Le Nord*. Traduzido do francês. (*N. da T.*)

OFICIAL DE JUSTIÇA: Meritíssimo, este é o homem que assassinou a Barbertje.

JUIZ: Tem de ser enforcado! Como é que a matou?

OFICIAL DE JUSTIÇA: Cortou-a aos pedacinhos e conservou-a em salmoura.

JUIZ: Atuou muito mal. Tem de ser enforcado.

LOTÁRIO: Meritíssimo, eu não matei a Barbertje! Dei-lhe de comer, vesti-a e cuidei dela. Há testemunhas que podem abonar que sou um homem bom e que não sou assassino.

JUIZ: Ó homem, você merece a forca! A sua presunção só agrava o crime. Não é apropriado que alguém... acusado se faça passar por um homem bom.

LOTÁRIO: Mas, Senhor Juiz, há testemunhas que podem comprová-lo. E visto que sou acusado de homicídio...

JUIZ: Tem de ser enforcado! O réu cortou a Barbertje em pedaços, pô-la em salmoura e é presunçoso... três delitos capitais! Quem é esta mulher?

MULHER: Eu sou a Barbertje.

LOTÁRIO: Deus seja louvado! Assim, o Meritíssimo pode confirmar que não a matei.

JUIZ: Hum... pois... talvez. E quanto à salmoura?

BARBERTJE: Não, Senhor Juiz, ele não me conservou em salmoura. Antes pelo contrário, tratou-me muito bem. É um homem bom!

LOTÁRIO: Está a ouvir, Senhor Juiz, ela diz que sou um homem bom.

JUIZ: Hmm... resta a *terceira* acusação. Senhor oficial de justiça, leve este homem daqui. Tem de ser enforcado. É culpado de presunção. Senhor secretário, cite nos fundamentos a jurisprudência do patriarca de Lessing.²

(*Peça inédita*)

² Patriarca de Lessing: referência à peça *Nathan, o Sábio* (1779), de Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781). O patriarca de Jerusalém condena o judeu Nathan por ter adotado e educado uma criança cristã, ignorando todos os pedidos de clemência, com as palavras: «Não interessa. O Judeu será queimado!» (*N. da T.*)

CAPÍTULO Iⁱ

Sou corretor de café, com residência no canal Lauriergracht, n.º 37. Não é meu hábito escrever romances, nem nada que se pareça, e foi por isso que demorei a decidir encomendar algumas resmas extras de papel e dar início ao trabalho que o leitor tem agora em mãos e que deve ler se for corretor de café ou se tiver outra profissão. Não só nunca escrevi nada que se assemelhasse a um romance, como nem sequer gosto de ler nada do gênero porque sou um homem de negócios. Há anos que me pergunto para que servem os romances e fico admirado com o descaramento com que um poeta ou um romancista se atreve a iludir o leitor com algo que nunca aconteceu e geralmente nem pode vir a acontecer. Se na *minha* profissão — sou corretor de café, com residência no Lauriergracht, n.º 37 — eu apresentasse uma proposta a um comitente — um comitente é alguém que vende café — na qual figurasse apenas uma ínfima parte das inverdades que formam a essência dos poemas e romances, ele dirigir-se-ia imediatamente para a Busselinck & Waterman. Também são corretores de café, todavia não há necessidade de que o leitor conheça o endereço. Portanto, tenho o cuidado de não escrever romances, nem apresentar outros relatórios falsos. Aliás, sempre notei que as pessoas que se ocupam com tais afazeres, regra geral, acabam mal. Tenho quarenta e três anos, levo vinte a frequentar a Bolsa, portanto, se está à procura de alguém com experiência, sou a pessoa indicada. Quantas casas já vi falir! E geralmente, quando procurava descobrir a causa, parecia-me que esta tinha origem na orientação errada que a maioria das pessoas tinha tido durante a juventude.

O meu lema é: *verdade e bom senso*, e mantenho-o. Evidentemente abro uma exceção para as Sagradas Escrituras. O erro começa em Van Alphen, logo no primeiro verso do seu poema sobre os «queridos catraios». Mas que raio levou aquele velho cavalheiro a fazer-se passar por um admirador de criaturas como a minha irmã Truitje, que sofria de conjuntivite, ou do meu irmão Gerrit, que tinha sempre o dedo no nariz? E, no entanto, diz ele que «cantava estas poesias, movido pelo *amor*». Quando eu era criança, pensei muitas vezes: «Caro senhor, gostava de o conhecer um dia e, se se recusar a oferecer-me os berlindes de mármore que lhe hei de pedir, ou o meu nome por extenso — o meu nome é Batavus — em massa folhada recheada com amêndoa³, chamá-lo-ei mentiroso.» Mas nunca cheguei a ver Van Alphen. Creio que já tinha morrido quando nos contava que o meu pai era o meu melhor amigo — eu gostava mais de Pauweltje Winser, meu vizinho na Batavierstraat — e que o meu cãozinho estava tão agradecido... Em casa não tínhamos cães por serem tão pouco asseados.

Tudo balelas! Somos educados para acreditar que a vendedora de hortaliça trouxe a nova irmãzita dentro de uma grande couve. Que todos os Holandeses⁴ são destemidos e generosos. Que os Romanos tiveram sorte por os Batavos⁵ os deixarem vivos. Que ao Bei de Tunes lhe dava uma volta à barriga só ouvir a bandeira neerlandesa esvoaçar ao vento. Que o duque de Alba era uma

³ Na festa de São Nicolau, as crianças costumam receber prendas e doces. Tradicionalmente, recebem o seu nome em letras de chocolate ou de doce de amêndoa. (*N. da T.*)

⁴ Em sentido estrito, «Holanda» refere-se a duas províncias: Holanda do Norte e Holanda do Sul. O termo correto para designar o país é «Países Baixos», e os seus habitantes são os neerlandeses. A língua oficial é o neerlandês, bem como a da comunidade flamenga na Bélgica. Multatuli usa de forma indiscriminada os termos «Holanda», «Países Baixos», «holandês» e «neerlandês». (*N. da T.*)

⁵ Tribo germânica que durante o Império Romano habitava o território que corresponde aproximadamente aos Países Baixos. Em consequência, a região passou a ser conhecida por Batávia, nome que foi popularizado durante o Romantismo. (*N. da T.*)

besta. Que a maré baixa, creio que em 1672⁶, se prolongou um pouco mais do que o normal, com o único objetivo de proteger os Países Baixos. Mentiras! Os Países Baixos continuaram *Países Baixos* porque os nossos antepassados tratavam zelosamente dos seus negócios e porque praticavam a verdadeira fé. Essa é que é a verdade!

São mentiras, umas atrás das outras. Uma menina é um anjo. Quem descobriu isto nunca teve irmãos. O amor é algo de maravilhoso. Os amantes, sabe-se lá porquê, são capazes de ir até ao fim do mundo. Só que o mundo não tem fim, e o amor também é uma tolice. Ninguém pode afirmar que a vida me corre mal a mim e à minha esposa — ela é uma filha da Fardo & Cia., corretores de café —, ninguém pode apontar seja o que for ao nosso casamento. Sou sócio da Artis⁷, ela possui um xaile de noventa e dois florins, e jamais houve entre nós um amor tão tonto que nos fizesse querer ir viver para o fim do mundo. Depois da boda, demos um pequeno passeio até Haia — onde ela comprou a flanela para as camisolas interiores que ainda uso —, e, tirando isso, o amor nunca nos fez correr mundo fora. Conclusão: são tudo disparates e mentiras.

E acaso será o *meu* casamento menos feliz do que o das pessoas que por amor ficam tísicas ou arrancam os cabelos? Ou pensará o leitor que a minha casa seria mais organizada, se há dezassete anos tivesse dito em *verso* à minha namorada que queria casar-me com ela? Disparate! E contudo poderia tê-lo feito tão bem como qualquer outra pessoa, pois versejar não é mais do que um ofício como qualquer outro, com certeza menos difícil do que tornear o marfim. Senão como se explica que os rebuçados

⁶ Em julho de 1672, durante as Guerras Anglo-Holandesas, uma frota inglesa tentou desembarcar na ilha de Texel. Segundo a lenda, o desembarque foi impossibilitado por intervenção da Providência: a maré baixa prolongou-se por doze horas e os ingleses tiveram de recuar. (*N. da T.*)

⁷ A sociedade zoológica Artis Natura Magistra, estabelecida em 1838, esteve na origem da fundação do Jardim Zoológico de Amesterdão. Os seus sócios pertenciam à alta burguesia. (*N. da T.*)

embrulhados em papel com quadras impressas sejam tão baratos. — Frits diz *bombons*, não sei porquê. — Mas experimente perguntar o preço de um conjunto de bolas de bilhar!

Não é que eu tenha alguma coisa contra versos. Querem pôr as palavras ordenadas em filas, muito bem! Mas não afirmem nada que não seja verdade. «São quatro horas e tu demoras.» Não tenho nada contra, se na realidade forem quatro horas e a pessoa demorar. Mas, se for um quarto para as quatro, eu, que não ordeno as palavras em filas, posso dizer: «É um quarto para as quatro e tu demoras.» O fazedor de versos está preso pela hora certa. Para ele têm de ser duas, três horas em ponto, etc., ou então a pessoa não demora. Uma hora ou meio-dia estão fora de questão por razões de rima e de métrica. Então, ele começa a atamancar. Ou a pessoa deixa de estar atrasada ou ele tem de mudar a hora. Uma das duas afirmações é falsa.

Não são apenas os versos que incitam a juventude à inverdade. Um dia, vá ao teatro, para ouvir as mentiras que lá se servem. O herói da peça — Frits diria *protagonista* — é salvo de morrer afogado por alguém à beira da falência. Então, o herói oferece-lhe metade da sua fortuna. Não pode ser verdade. Quando, recentemente, no Prinsengracht, o meu chapéu voou para o canal, dei ao sujeito que mo devolveu uma moeda de dez cêntimos e ele ficou satisfeito. Bem sei que teria de dar um pouco mais se me tivesse pescado a *mim* da água, mas decerto não seria metade da minha fortuna. É evidente que basta cair duas vezes na água para se ficar pobre como Job. O pior destas representações no palco é o público habituar-se de tal maneira a todas essas falsidades que as acha bonitas e as aplaude. Às vezes, tenho ganas de atirar com toda a plateia para dentro do canal para ver quem é que aplaudiu com sinceridade. Eu, que amo a verdade, aviso desde já que não tenciono pagar um preço tão desorbitado pela pesca da minha pessoa. Quem não se contenta com menos pode deixar-me de molho. Só ao domingo daria um pouco mais, por usar o meu fio de ouro e uma jaqueta melhor.

Sim, o teatro corrompe muitos, até mais do que os romances. É tudo tão sugestivo! Com um pouco de ouropele e rendas de papel mofo, tudo parece tão deslumbrante. Quer dizer, aos olhos das crianças, e também aos de pessoas que não estão metidas nos negócios. Mesmo quando esses farsantes querem representar a miséria, a atuação é sempre falsa. Uma jovem cujo pai foi à bancarrota trabalha para sustentar a família. Muito bem. Lá está ela a coser, a tricotar ou a bordar. Agora conte os pontos que ela dá durante todo o ato. Conversa, suspira, vai até à janela, mas trabalhar é que não. Uma família que consegue viver deste trabalho necessita de pouco. Esta rapariga, claro está, é a heroína. Corre com alguns pretendentes pelas escadas abaixo, exclama continuamente: «Oh, minha mãe, oh, minha mãe!» e, portanto, representa a virtude. Mas que virtude é essa que precisa de um ano inteiro para tricotar um par de meias de lã? Não sugere isto uma ideia falsa da virtude e de «trabalhar para ganhar a vida»? São tudo disparates e mentiras!

Depois, o seu primeiro namorado — que outrora fora amanuense e fazia cópias das cartas no livro de registos, mas agora é riquíssimo — regressa de repente e casa-se com ela. Outra mentira. Quem tem dinheiro não se casa com uma rapariga de uma família arruinada. E se se julga que no palco isto pode passar como um caso excepcional, o meu reparo continua válido, na medida em que se perverte o amor do povo à verdade, tomando a exceção por regra, e se corrompe a moral pública ao habituá-lo a aclamar algo no *palco* que qualquer corretor ou comerciante respeitável considera uma loucura ridícula na *vida real*. Quando me casei, éramos treze no escritório do meu sogro — Fardo & Cia. — e faturávamos muito!

Mas ainda há mais mentiras no teatro. Quando o herói abandona o palco com o seu passo hirto de palhaço a fim de salvar a pátria oprimida, como é que as portas duplas do fundo se abrem sempre por si mesmas? E mais, como é que uma pessoa que fala em verso pode prever o que o outro vai responder para lhe facilitar

a rima? Quando o cabo-de-guerra diz à princesa «Minha senhora, tarde demais, o castelo inimigo está trancado», como é que sabe de antemão que ela responderá: «Meu cabo, coragem, só nos resta um ato tresloucado.» E se ela, sabendo que o castelo está trancado, respondesse que, assim sendo, esperaria até que voltassem a abri-lo, ou que regressaria numa outra ocasião, o que aconteceria à métrica e à rima? Não é, então, uma pura mentira quando o cabo olha com ar indagador para a princesa a fim de saber o que ela pretende fazer depois de o inimigo ter fechado as portas? Repito, e se à mulher apetecesse ir dormir em vez de mandar os soldados desembainhar as espadas? São só mentiras!

E depois, essa da virtude recompensada! Ai, ai, ai! Há dezasete anos que sou corretor de café — Lauriergracht, n.º 37 —, portanto, já assisti a muito, mas fico sempre deveras incomodado quando vejo a verdade que me é tão querida ser distorcida dessa forma. Virtude recompensada? Não é antes uma maneira de converter a virtude num artigo comercial? As coisas *não* são assim no mundo real e ainda *bem*. Pois, o que seria do mérito, se a virtude fosse recompensada? Porquê então recorrer sempre a estas mentiras infames?

Por exemplo, Lucas, o nosso paquete no armazém, que já trabalhava para o pai da Fardo & Cia. — naquela época, a firma ainda se chamava Fardo & Meyer, mas os Meyers já saíram há muito —, esse, sim, é que era um homem virtuoso. Nunca tirou um grão de café, ia pontualmente à missa e não bebia uma gota de álcool. Quando o meu sogro estava em Driebergen⁸, ele guardava a casa, a caixa e tudo o resto. Uma vez recebeu dezasete florins a mais do banco e devolveu-os. Agora está velho e cheio de gota e já não pode servir-nos. Hoje passa necessidades, como faturamos muito, precisamos de gente jovem. Ora bem, eu tenho esse Lucas por muito virtuoso, mas será que ele é agora

⁸ Vila perto de Utrecht, onde os comerciantes e funcionários das colónias abastados fixavam residência depois de se reformarem. (*N. da T.*)

recompensado? Será que veio algum príncipe oferecer-lhe diamantes, ou uma fada barrar-lhe o pão com manteiga? Com certeza que *não*! Ele é pobre e pobre será, e assim é que deve ser. *Eu* não posso ajudá-lo — porque necessitamos de gente jovem, faturamos muito —, mas, mesmo que *pudesse*, que mérito teria a sua virtude, se isso lhe garantisse uma vida confortável na velhice? Então, todos os paquetes se tornariam virtuosos — que digo? todas as pessoas —, o que não pode ser a intenção de Deus, porque, nesse caso, deixaria de existir uma recompensa especial no Além para os honestos. Mas no palco distorcem isso... tudo mentiras!

Também *eu* sou honesto, mas acaso peço para ser recompensado? Desde que os meus negócios corram bem — e correm bem —, a minha esposa e os meus filhos sejam saudáveis, de modo a não ter de me maçar com o médico ou o farmacêutico... consiga pôr de lado ano após ano um pé-de-meia para o dia de amanhã... Frits se torne um homem escorreito, para mais tarde tomar o meu lugar quando eu for para Driebergen... Então, acredite, fico muito satisfeito. Mas tudo isto é a consequência natural das circunstâncias e a razão por que olho pelos meus negócios. Não exijo nada pela minha virtude.

A prova mais clara da *minha* virtude é o meu amor pela verdade. A seguir à minha devoção à Fé, essa é a minha principal característica. E gostaria muito de o convencer disso, caro leitor, porque ela é a minha justificação para escrever este livro.

Uma segunda característica, tão dominante como o meu amor pela verdade, é a paixão que sinto pela minha profissão. É que sou corretor de café, com residência no Lauriergracht, n.º 37. Pois, então, permita-me lembrar-lhe, é ao meu amor inquebrável à verdade e à minha dedicação aos negócios que devo o facto de ter escrito estas páginas. Vou contar-lhe como aconteceu. Mas, uma vez que por agora tenho de me despedir de si — preciso de ir à Bolsa —, convido-o para um segundo capítulo mais logo. Por isso, até à vista!

Ah, se não se importa, guarde-o no bolso... não custa nada... pode dar jeito... aqui está: o meu cartão de visita! O «Cia.» sou eu, desde que os Meyers saíram... o velho Fardo é o meu sogro.

FARDO & CIA.
CORRETORES DE CAFÉ
LAURIERGRACHT, N.º 37

CAPÍTULO II

A Bolsa estava fraca, mas o leilão da primavera há de animar as coisas. Não pense que não faturamos na nossa firma. Os negócios na Busselinck & Waterman ainda estão mais chochos. Que mundo estranho! As coisas que se veem, mesmo depois de se frequentar a Bolsa há já vinte anos. Imagine que eles — estou a falar da Busselinck & Waterman — tentaram palmar-me a Ludwig Stern. Uma vez que não sei se o leitor está familiarizado com a Bolsa, deixe-me explicar que a Stern é uma empresa de café de primeira categoria em Hamburgo que sempre trabalhou com a Fardo & Cia. Muito por acaso descobri isso... quer dizer, a trapaça da Busselinck & Waterman. Resolveram baixar 25% a comissão de corretor — traçoeiros é o que são, não há outra palavra! — e agora repare no que fiz para lhes estragar o plano. Outra pessoa no meu lugar provavelmente teria escrito à Ludwig Stern a propor um desconto idêntico, esperando alguma consideração tendo em conta a longa colaboração com a Fardo & Cia... Calculei que nos últimos cinquenta anos a firma lucrou mais de quatrocentos mil florins com a Stern. A relação data do bloqueio continental de Napoleão quando contrabandeávamos produtos das colónias através de Helgoland.⁹ Pois, quem sabe o que outra pessoa não teria

⁹ Em 1806, Napoleão decretou um bloqueio comercial, proibindo o comércio dos Países Baixos (na altura, Estado-fantoches francês) com Inglaterra. Helgoland, ilha dinamarquesa a noroeste da costa alemã, ocupada pelos ingleses em 1807, servia de base para o contrabando de produtos ingleses. (*N. da T.*)

escrito. Mas não, eu não baixei os preços. Fui até ao Polenⁱⁱ, solicitei caneta e papel e escrevi:

Que a grande expansão que o nosso negócio teve ultimamente, sobretudo graças a muitas encomendas vindas do Norte da Alemanha...

Pura verdade!

... que a expansão obrigou ao alargamento do nosso pessoal.

É verdade! Ainda ontem à noite o guarda-livros estava no escritório depois das onze à procura dos óculos.

Que sentimos sobretudo a necessidade de ter jovens decentes e bem-educados para tratar da correspondência em alemão. Que, apesar da presença em Amesterdão de muitos jovens alemães na posse das aptidões exigidas, uma casa que se preze...

Pura verdade!

... e atendendo à crescente leviandade e imoralidade da juventude, ao aumento diário de aventureiros à procura de fortuna, à necessidade de conjugar a integridade do comportamento com a da execução das ordens dadas...

Juro que é a pura verdade!

... que para tal firma — estou a referir-me a Fardo & Cia., corretores de café, Lauriergracht, n.º 37 — todos os cuidados são poucos no que diz respeito à contratação de empregados.

Tudo isto é a verdade pura, leitor! Não sabia eu perfeitamente que o jovem alemão que ficava junto do pilar 17¹⁰ na Bolsa tinha fugido com a filha da Busselinck & Waterman? A nossa Marie também já vai fazer treze em setembro.

... que tivera o privilégio de saber através do senhor Saffeler — Saffeler trabalha para a Stern — que o respeitado dono da empresa, o senhor Ludwig Stern, tinha um filho, o senhor Ernst Stern, que gostaria de ser empregado numa casa holandesa por

¹⁰ A Bolsa ficava num espaço retangular rodeado por uma galeria de pilares numerados, onde os comerciantes tinham um lugar permanente. (N. da T.)

algum tempo a fim de aperfeiçoar os seus conhecimentos comerciais. Que eu, tendo em conta...

Aqui voltei a mencionar toda a falta de decência e contei a história da filha da Busselinck & Waterman. Não para denegrir alguém... Deus me livre, falar mal é a última coisa que faço! Todavia... penso que nunca faz mal informá-los.

...que, tendo em conta tudo isso, nada poderia agradecer-me mais do que encarregar o senhor Ernst Stern da correspondência alemã da nossa casa.

Por uma questão de delicadeza, evitei qualquer menção a honorários ou salário. Mas acrescentei:

Que, no caso de o senhor Stern se contentar com hospedar-se na nossa residência — Lauriergracht, n.º 37 —, a minha esposa dispunha-se a tratar dele como uma mãe e a sua roupa e a roupa de cama seriam tratadas em casa.

Verdade pura, pois Marie tem muito jeito para cerzir e remendar. E finalmente:

Que na nossa casa serviremos ao Senhorⁱⁱⁱ.

Toma lá, porque os Sterns são luteranos¹¹. E enviei a carta. O leitor já percebeu que seria uma desconsideração se o velho Stern passasse agora para a Busselinck & Waterman, enquanto o filho trabalha no nosso escritório. Aguardo a resposta com muita curiosidade.

Agora, voltemos ao meu livro. Há uns tempos, ao passear ao fim da tarde pela Kalverstraat, parei frente à loja de um merceeiro, que estava ocupado a arrumar um carregamento de café *Java*, torrefação média, qualidade Ceribon, amarelo delicado, ligeiramente partido, com resíduos, e que despertou o meu interesse, pois estou sempre atento. De repente, reparei num senhor que se me afigurava familiar, parado diante da livraria ao lado. Também ele pareceu reconhecer-me, porque os nossos olhares se cruzaram

¹¹ Os luteranos representam uma corrente menos rigorosa do que a do calvinismo ortodoxo de Seca. (*N. da T.*)

por longos instantes. Devo confessar que estava demasiado absorto nos resíduos de café para notar imediatamente no que só mais tarde reparei, nomeadamente que trazia uma roupa velha e gasta. Caso contrário, nem lhe teria dado importância. Mas subitamente veio-me à ideia que ele talvez fosse um representante de uma firma alemã à procura de um corretor de confiança. Tinha ar de alemão, e de representante também. Era muito louro, com olhos azuis, e a sua atitude, bem como a indumentária, transparecia algo que o fazia passar por estrangeiro. Em vez de um sobretudo decente de inverno, trazia uma espécie de cachene sobre os ombros — Frits diria *xaile*, mas eu não —, como se tivesse acabado de chegar de viagem. Pareceu-me farejar um possível cliente e dei-lhe um cartão de visita: *Fardo & Cia. Corretores de café, Lauriergracht, n.º 37*. Aproximou-o do lampião da rua e disse:

— Muito obrigado, mas fiz confusão. Pensava ter o prazer de encontrar um velho camarada de escola, mas... Fardo? Não é esse o nome dele.

— Perdão — respondi, porque sou sempre bem-educado —, o meu nome é Seca, Batavus Seca, da firma Fardo & Cia., corretores de café, Lauriergr...

— Então, Seca, não me reconhecês? Olha bem para mim.

Quanto mais olhava para ele, mais me parecia tê-lo visto antes. Mas, por estranho que pareça, associava o seu rosto a fragrâncias exóticas. Não se ria, leitor, já vai ver porquê. Tenho a certeza de que ele não usava uma gota de perfume, e todavia cheirou-me a algo agradável, algo forte, que fazia lembrar... já sei!

— És *tu* — exclamei —, a pessoa que me livrou do grego?

— Pois com certeza — respondeu —, fui *eu*. Como vai a tua vida?

Contei que éramos treze no escritório e que transacionávamos muito. Depois, perguntei-lhe como estava, coisa de que me arrependi mais tarde, pois não parecia viver em circunstâncias muito favoráveis, e não gosto de pobres, porque geralmente o são por culpa própria, uma vez que o Senhor não abandona ninguém que O tenha servido fielmente. Se eu tivesse dito simplesmente

«Somos treze e... tem o resto de uma boa noite!», ter-me-ia livrado dele. Mas com tanta pergunta e resposta tornou-se cada vez mais difícil — Frits diria *embaraçoso*, eu não —, tornou-se mais difícil, portanto, livrar-me dele. Por outro lado, devo reconhecer que, se assim não tivesse sido, o leitor não estaria a ler este livro, porque foi uma consequência do encontro. Gosto de realçar o lado positivo, e quem não o faz é gente insatisfeita, que não suporto.

Sim, sim, foi ele quem me salvou das mãos do grego! Agora não pense que um dia fui raptado por corsários, ou estive envolvido em alguma escaramuça no Levante. Já contei que depois da boda fui a Haia com a minha esposa. Ali visitámos o Museu Mauritshuis e comprámos flanela na Veenestraat. Foi a única excursão que os meus negócios alguma vez me permitiram porque transacionamos muito. Não, foi em Amesterdão que ele esmurrou o nariz de um grego por minha causa. Porque tinha a mania de meter o bedelho em assuntos que não lhe diziam respeito.

Acho que foi em 1833 ou 1834, no mês de setembro, porque havia quermesse em Amesterdão. Uma vez que os meus pais tencionavam fazer de mim um pastor, eu andava a estudar Latim. Mais tarde, muitas vezes me perguntei porque era necessário saber Latim para dizer em holandês: «Deus é bom.» Enfim, frequentava a escola latina — ou liceu, como dizem agora — e havia quermesse... em Amesterdão, quero dizer. No Westermarkt havia barracas, e, se o leitor for de Amesterdão e da minha geração, lembrar-se-á de que havia uma que se destacava pela presença de uma rapariga de olhos negros e tranças compridas, trajada de grega. O pai também era grego, ou tinha ar de grego. Vendiam toda a espécie de fragrâncias.

Eu já tinha idade para apreciar a beleza da rapariga, mas ainda me faltava coragem para me dirigir a ela. Também de pouco me teria valido, pois as raparigas de dezoito anos consideram um rapaz de dezasseis uma criança. E têm toda a razão. Todavia, nós, rapazes do quarto ano, íamos todas as noites ao Westermarkt para ver a rapariga.

Numa daquelas noites, aquele que agora se encontrava à minha frente de cachené também fazia parte do grupo, apesar de ser uns anos mais novo do que nós e, portanto, demasiado infantil para se interessar por uma grega. Mas era o melhor da turma — pois devo admitir que era muito inteligente — e gostava da brincadeira, de andar à bulha e lutar. Por isso, andava conosco. Então, estávamos nós — devíamos ser uns dez — a olhar para a grega a uma certa distância e, enquanto deliberávamos como haveríamos de a abordar, decidimos juntar dinheiro a fim de comprar qualquer coisa na barraca. O problema seguinte era decidir quem iria dar o valente passo para entabular conversa com a rapariga. Todos queriam, mas ninguém se atrevia. Tirámos à sorte, e calhou-me a mim. Devo admitir que prefiro não correr riscos. Sou marido, pai e declaro por louco qualquer pessoa que procura o perigo, tal como vem explicado nas Escrituras. Apraz-me notar que não mudei as minhas ideias relacionadas com perigo e coisas do género, pois presentemente mantenho a mesmíssima opinião que naquela noite em que estava plantado junto à barraca do grego, segurando os doze tostões que tínhamos amealhado. Mas, imagine, por falso pudor, não me atrevia a dizer que não tinha coragem e, além disso, não me restava senão avançar porque os meus companheiros não paravam de me empurrar. Eis então que me encontrei junto à barraca.

Não vi a rapariga: aliás, não vi nada! Começou tudo a ficar verde e amarelo diante dos meus olhos. Gaguejei o *aoristus primus*¹² de um verbo qualquer em grego...

— *Plaît-il?* — perguntou ela.

Recompus-me quanto pude e prossegui:

— *Menin aeide thea*¹³ — e... que o Egito era uma dádiva do Nilo.

¹² Conjugação do pretérito em grego. (*N. da T.*)

¹³ «Canta, ó deusa, a cólera...», início do primeiro verso da *Iliada* de Homero. (*N. da T.*)

Estou convencido de que a minha apresentação teria sido um sucesso, se um dos meus colegas, por mera malandrice, não me houvesse dado um empurrão tão forte pelas costas, que me fez embater contra o balcão, aliás escaparate, que demarcava a parte de frente da barraca. Senti um punho agarrar-me pelo cachaço... e outro muito mais abaixo... por um momento voei pelo ar... e, ainda antes de perceber o que se passava, aterrei dentro da barraca do grego, que num francês claro me disse que eu era um *gamin* e que ia chamar a polícia. Agora que tinha conseguido aproximar-me da rapariga, já não achava graça. Apavorado, chorei e implorei misericórdia. Mas não valeu de nada. O grego segurava-me pelo braço enquanto me dava pontapés. Procurei os meus companheiros — justamente nessa manhã tínhamos falado muito de Múcio Cévola, que pusera a mão no fogo, e, nas composições que fizéramos na aula de Latim, todos acháramos o gesto sublime — pois sim! Mas se o leitor pensa que alguém ficou para pôr a mão no fogo por *mim*...

Foi o que pensei. Subitamente, porém, eis que o bom do Cachéné entra de rompante pela porta traseira da barraca. Não era alto nem forte, e só tinha treze anos, mas era um miúdo vivaço e valente. Ainda lhe vejo os olhos a faiscar — geralmente eram mais apagados — quando enfiou um murro no grego e eu fiquei safo. Mais tarde, ouvi que o grego lhe pregou uma valente coça, mas, como por princípio nunca me meto em assuntos que não me dizem respeito, afastei-me imediatamente. Portanto, não vi nada.

Eis a razão por que as suas feições me lembravam tanto fragrâncias e eis como se arranja uma alteração com um grego sem se sair de Amesterdão. Sempre que o homem voltava com a sua barraca às quermesses seguintes no Westermarkt, eu procurava divertir-me noutra lugar.

Uma vez que sou apreciador de observações filosóficas, não posso deixar de confessar, leitor, que tudo está espantosamente interligado no nosso mundo. Se os olhos da rapariga tivessem sido menos escuros e as tranças mais curtas, ou se não me tivessem

atirado contra o escaparate, a esta hora o leitor não estaria a ler este livro. Portanto, agradeça que tudo tenha acontecido como aconteceu. Acredite, tudo no mundo está bem como está, e pessoas que passam a vida a lamentar-se não precisam de contar com a minha amizade. Busselinck & Waterman, por exemplo... mas devo prosseguir, porque tenho de acabar o livro antes do leilão da primavera.

Para ser franco — porque gosto de falar a verdade — o reencontro com a pessoa em questão não me foi agradável. Apercebi-me logo de que não era uma relação recomendável. Ele estava muito pálido e, quando lhe perguntei as horas, não soube responder. São pormenores em que uma pessoa que frequenta a Bolsa há uns vinte anos, onde já se viu de tudo, repara. Já vi falir muita casa!

Pensei que ele seguisse para a direita e por isso disse que eu virava à esquerda. Mas eis que ele também virou à esquerda e não pude evitar continuar a conversa. Não me saía da cabeça que ele não sabia que horas eram. Notei também que tinha o casaco abotoado até cima — o que é muito mau sinal —, pelo que mantive o tom da nossa conversa um pouco evasivo. Contou-me que tinha estado nas Índias Orientais, que era casado, que tinha filhos. Não tenho nada a dizer contra, mas também não achei nada de especial. Ao chegar ao Kapelsteeg¹⁴ — nunca tomo esse beco, porque acho que fica mal a um homem decente —, decidi que desta vez queria ir por ali. Esperei até quase termos passado o beco para me certificar de que ele seguia em frente, antes de dizer educadamente... porque sou sempre bem-educado, nunca se sabe se não voltamos um dia a precisar da pessoa:

— Foi um grande prazer tê-lo reencontrado Senhor... or...or! E... e... e sempre à sua disposição! Tenho de virar aqui.

Então, ele olhou-me com um ar estranhíssimo, suspirou e subitamente agarrou-me um botão do casaco...

¹⁴ Kapelsteeg era um beco junto da Kalverstraat, onde havia muita prostituição. (N. da T.)

— Caro Seca — disse —, permite-me fazer-te uma pergunta.

Senti um calafrio pela espinha abaixo. Ele, que não sabia as horas, queria fazer-me uma pergunta! Claro que respondi que não tinha tempo e que tinha de ir à Bolsa, apesar de já ser noite. Mas, para quem frequenta a Bolsa há mais de vinte anos... alguém querer fazer-nos uma pergunta sem saber que horas são...

Soltei o meu botão, cumprimentei-o muito educadamente — porque sou bem-educado — e virei para o Kapelsteeg, o que, de resto, nunca faço, porque não é um lugar respeitável e a respeitabilidade está acima de tudo. Só espero que ninguém tenha visto.

CAPÍTULO III

No dia seguinte, ao voltar da Bolsa, Frits disse que alguém tinha passado para falar comigo. Segundo a descrição, era o Cachené. Como me encontrou?... O cartão de visita, claro! Ainda pensei em tirar os meus filhos da escola, porque, passados vinte ou trinta anos, é aborrecido ser-se perseguido por um antigo colega de escola que usa um cachené em vez de um sobretudo e que não sabe as horas. Também proibi Frits de ir até ao Westermarkt quando há barracas.

Um dia mais tarde, recebi um volumoso embrulho acompanhado por uma carta. Deixe-me ler-lhe a carta:

Prezado Seca!

Acho que seria mais correto *Ex.^{mo} Senhor Seca*, pois sou corretor.

Ontem fui até ao teu escritório com a finalidade de te fazer um pedido. Penso que te encontras numa situação afortunada...

É verdade, somos treze no escritório.

... e queria valer-me da tua credibilidade para concretizar um assunto que para mim é de toda a importância.

Ao ler isto, não pude deixar de ficar com a impressão de que se tratava de uma encomenda para o leilão da primavera.

Por diversas razões, a minha atual situação financeira é um tanto precária.

Um tanto! Nem camisa trazia. É o que ele chama *um tanto!*

Não estou em condições de oferecer à minha querida mulher o necessário para lhe tornar a vida mais agradável e do ponto de vista financeiro também a educação dos meus filhos não é a que se deseja.

Tornar a vida mais agradável? Educação dos filhos? Parece que quer alugar um camarote na Ópera para a mulher e mandar os filhos para um internato em Genebra. Era outono e fazia bastante frio... resumindo e concluindo, ele estava alojado num sótão sem aquecimento. Quando recebi a carta, não sabia nada disso, mas depois visitei-o e até hoje ainda me sinto incomodado com o tom ridículo da sua escrita. Que diabo, quem é pobre pode dizer simplesmente que é pobre! Tem de haver pobres, é necessário para a sociedade e é vontade de Deus. Desde que não se ponha a pedir esmola e não incomode ninguém, não tenho nada contra o facto de ele ser pobre, mas não ganha nada em embelezar a realidade. Ouça como segue:

Uma vez que sou responsável pelas necessidades dos meus, decidi valer-me de um talento, com o qual, creio, fui abençoado. Sou poeta...

Essa agora! Já sabe, leitor, o que eu e todas as pessoas sensatas pensamos disso.

... e escritor. Desde a minha infância expressava as minhas emoções em verso e, mais tarde, anotava diariamente o que se passava na minha alma. Creio haver entre os meus escritos algumas peças com valor e procuro um editor para as publicar. Mas é este precisamente o problema. O público não me conhece, e os editores guiam-se mais por escritores com nomes reputados do que pelo conteúdo.

Tal como nós avaliamos o café segundo o renome dos lotes. Pois com certeza! De que outra forma poderia ser?

Se posso partir do princípio de que a minha obra não é totalmente desprovida de mérito, isso só pode ser provado depois da publicação. Ora, uma vez que os editores pedem pagamento adiantado para os custos da impressão, etc...

Razão têm eles!

... o que de momento não me vem a calhar. Todavia, como estou convencido de que as receitas da minha obra são capazes de cobrir as despesas, sinto-me à vontade para dar a minha palavra, encorajado pelo nosso encontro de anteontem...

O que ele chama encorajar!

... tomei a decisão de te perguntar se não te importavas de ser meu fiador junto de um editor para pagar as despesas de uma primeira edição, nem que fosse apenas um pequeno volume. Deixo-te a escolha dessa primeira prova. No embrulho que acompanha esta carta encontrarás muitos manuscritos que revelam que pensei, trabalhei e passei por muito...

Nunca ouvi dizer que ele tinha negócios.

... e se o dom de me expressar bem não me tiver faltado por completo, não será por falta de experiência que serei malsucedido.

Aguardando uma resposta amável, subscrevo-me como teu velho colega de escola...

E por baixo estava o seu nome. Mas esse não menciono, porque não gosto de comprometer ninguém.

Estimado leitor, compreende quão estupefacto fiquei quando subitamente me quiseram promover a corretor de versos. Tenho a certeza de que, se esse Cachéné — vou continuar a chamá-lo assim — me tivesse visto à luz do dia, não se teria dirigido a mim com um tal pedido. Pois formalidade e decência não se deixam esconder. Mas foi de noite, e, portanto, não levo a mal.

Evidentemente, não queria saber nada desse disparate. Tencionava mandar Frits devolver o embrulho, mas desconhecia o endereço, e ele não deu mais sinal de vida. Pensei que estaria doente, ou morto, ou algo do género.

Na semana passada, houve sarau em casa dos Rosemeyers, que negociam em açúcar. Foi a primeira vez que Frits nos acompanhou. Tem dezasseis anos, e acho bem um jovem frequentar a sociedade. Caso contrário, ainda vai parar ao Westermarkt

ou sabe Deus onde. As raparigas tinham tocado piano e cantado, e à sobremesa zombavam umas com as outras por causa de um incidente ocorrido no salão, enquanto estávamos a jogar *whist* noutra sala. Foi algo relacionado com Frits.

— Sim, sim, Louise — exclamava Betsy Rosemeyer —, choraste! Pai, o Frits fez a Betsy chorar!

A minha mulher respondeu que, de futuro, Frits não frequentaria mais o sarau. Pensou que ele tivesse beliscado Louise, ou feito outra coisa inconveniente. Também eu me preparava para lhe pregar um sermão, quando Louise exclamou:

— Não, não, o Frits foi encantador. Gostava tanto que voltasse a fazê-lo!

Fazer o quê? Ele não lhe dera beliscões, recitara um poema, nem mais.

É claro que a dona da casa gosta de proporcionar uma diversão aos convidados durante a sobremesa. Preenche o tempo. A Madame Rosemeyer — os Rosemeyers querem ser tratados de maneira formal, porque negociam em açúcar e têm uma participação num navio —, a Madame Rosemeyer, portanto, percebeu que o que fez chorar Louise também nos entreteria e pediu um *encore* a Frits, que ficou vermelho que nem um tomate. Não fazia a mínima ideia do que tinha declamado porque conhecia o seu repertório do princípio ao fim. Consistia em: as *Bodas dos Deuses*, os *Livros do Antigo Testamento em Verso* e um trecho das *Bodas de Camacho* a que a rapaziada acha graça porque fala de um penico. Para mim era um mistério o que no meio desses versos poderia ter provocado as lágrimas. Mas também é verdade que as meninas são de pranto fácil.

Exclamavam «Anda, Frits! Vá lá, Frits! Por favor, Frits!», e Frits começou. Como não gosto de manter o leitor deliberadamente em *suspense*, revelo desde já que, antes de sair de casa, Frits e Marie tinham aberto o embrulho do Cachené, de onde recolheram muita esperteza e lamechice, que posteriormente muitos problemas em casa me causaram. No entanto, leitor, devo

admitir que a presente obra também veio desse embrulho, o que mais tarde justificarei devidamente, pois prezo ser considerado alguém que ama a verdade e que sabe dos seus negócios. A nossa firma é Fardo & Cia., Corretores de Café, Lauriergracht, n.º 37.

Assim sendo, Frits pôs-se a declamar uma história que era um disparate do princípio ao fim. Nem era uma história porque não tinha ponta por onde se lhe pegar. Um jovem escreve à mãe dizendo que se tinha apaixonado, mas que a rapariga se casara com outro — fez ela muito bem, na minha opinião —, e que ele, apesar disso, sempre amara a mãe. Estas poucas linhas foram compreensíveis ou não? Acha que é preciso muito palavreado para o dizer? Ora, comi um pão com queijo, depois descasquei duas peras e ia a meio de consumir a terceira, quando Frits terminou a narrativa. Louise voltou a chorar e as senhoras disseram que era muito bonito. Então, Frits, que estava convencido de ter tido um grandioso desempenho — impressão minha —, contou que encontrara a peça no embrulho do homem que usava um xaile, e expliquei aos senhores como aquilo viera parar a minha casa. Mas não falei da grega, porque Frits estava presente, tão-pouco mencionei o Kapelsteeg. Todos foram de opinião de que eu tinha agido bem em livrar-me do sujeito. Mais tarde, o leitor verá que também havia outras coisas no embrulho, que eram mais consistentes, e aproveitei algumas para usar neste livro, porque estão relacionadas com os Leilões de Café da Companhia de Comércio. Pois vivo para o trabalho.

Posteriormente, o editor perguntou-me se não queria incluir o que Frits recitara. Não me importo de o fazer desde que saibam que não perco tempo com essas coisas^{iv}. É tudo mentira e disparate! Abstenho-me de fazer comentários, senão o livro torna-se demasiado volumoso. Só quero mencionar que a narrativa foi escrita por volta de 1843, nas redondezas de Padang¹⁵, que é uma marca de qualidade inferior. De café, quero dizer.

¹⁵ Vila em Samatra. Multatuli foi inspetor de 1842 a 1843 em Samatra. (*N. da T.*)

Querida mãe, longe estou
De onde o teu ventre a luz me doou,
De onde as primeiras lágrimas verti,
De onde em teus braços cresci,
De onde o teu coração materno
Ao seu menino se entregou, terno,
E com afeto o amparou,
E quando caiu o levantou.

Cruel, o destino rasgou
O laço que nos juntou.
Erro agora em terra distante,
Só no Senhor estou confiante.

Pois, por mais prazeres ou dores,
Amarguras, dissabores,
Mãe, serena e confia
No amor do teu menino!

Foi há quase quatro anos,
‘Inda na pátria eu me achava
E em silêncio, à beira-mar,
Meu futuro perscrutava.

Quando com a glória sonhava
E pelo futuro suspirava,
Irrefletido, reneguei o presente
Em troca de castelos de vento.

O meu coração audaz
Lutou com toda a destreza
E com vontade tenaz
Buscou em vão a riqueza

Desde que dissemos adeus,
O tempo com pressa voou,
E, qual relâmpago nos céus,
Veloz pelos dois passou.

O tempo deixou cicatrizes,
Suportei, oh, grão tormento,
Vivi horas infelizes,
Só Deus ouviu meu lamento!

Procurei a felicidade,
Encontrei-a e perdi-a,
‘Inda há pouco era criança,
Vivo um século num só dia!

Mas, oh, mãe, em mim confia,
Deus é minha testemunha,
O teu filho não se esquece
Da tua luz que m’alumia!

Amei muito uma donzela,
Minha vida era só dela,
Seu amor imorredouro
Era todo o meu tesouro.

Feliz com tão pura riqueza
As mãos ao Céu eu ergui
E com lágrimas nos olhos
A Deus Pai agradeci.
Minha alma era um só ser
De amor e devoção.
De joelhos me prostrava
E por ela eu rezava!

O amor deu-me tormento,
Em sofrimento eu vivia.
E minha alma suave
Inquieta e triste sofria.

Da vida eu quis sublime ventura,
Mas dela colhi só amargura.
E quando esperava prazer supremo
Bebi da taça o letal veneno.

Só, em silêncio sofria,
e a dor me aprazia!
E quanto mais a desejava,
mais o amor aumentava!

Vivi desaires sem fim
E neles o prazer buscava.
Tudo, tudo suportava,
para a ter perto de mim!

Era a mais divina imagem
Que guardava no coração,
Um bem que não tinha preço,
Na minha veneração.

Viverá na minha alma
‘Té ao derradeiro dia,
E então nos juntaremos
Em plena harmonia.

Mas o que vale um triste amor
Ao pé daquele que dá vida?
Um amor que é divino
E que une mãe e filho?

Inda mal saiu do ventre,
Nem sequer balbuciou,
Busca no seio materno
O leite que a sede sacia
E no terno olhar da mãe
Toda a luz que o alumia.

Não há amor mais sagrado,
Aliança por Deus selada,
Que o que une o filho e a mãe.

Meu coração se ofereceu
À beleza passageira
De quem apenas me deu
Espinhos e nunca flores.

Como pode o coração,
Esquecer, mãe, o teu amor?
Só tu ouviste, inquieta,
Meu choro e desolação.
Tu, leal, me consolavas,
Enxugando as minhas lágrimas,
Novo ânimo me davas.

Mãe, eu peço, crê em mim,
Pois o céu é testemunha,
Mãe, eu peço, crê em mim,
Pois jamais te esqueci!

Estou tão distante do lar,
Lar de beleza e virtude.
Ali vivi com prazer
a primeira juventude,

«Se necessário fosse,
faria justiça sozinho.»

Max Havelaar, funcionário das Índias Orientais em Java, testemunha com horror a brutalidade a que a administração colonial submete os povos nativos. A crueldade com que agricultores e comerciantes de café são tratados inspiram o idealista Havelaar a lutar contra a corrupção e imoralidade do sistema colonial.

Escrito em 1860 por Multatuli, pseudónimo de Eduard Douwes Dekker, *Max Havelaar* abalou a sociedade holandesa da época pela denúncia corajosa que fazia de um sistema profundamente injusto e hipócrita, assente na exploração violenta dos javaneses. Foi na modernidade da sua estrutura narrativa que Multatuli ancorou a força da mensagem revolucionária deste clássico da literatura neerlandesa, cunhado como «o livro que matou o colonialismo», cujas ondas de choque provocaram importantes reformas políticas e sociais na Companhia das Índias Holandesas e inspiraram movimentos de comércio justo por todo o mundo.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Patrícia Couto
Introdução de Ana Gomes



Indonesia: The Volcano
Semeru (View from the
Pasuruan Residence), 1872
(Litografia)

© J. C. Grieve/
Bridgeman Images

penguinlivros.pt

penguinlivros



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897847998



9 789897 847998 >